

Trimestral 2T/2017

Têxtil e Vestuário no Contexto Nacional e Internacional



cenit.

Ficha técnica

TÍTULO

Têxtil e Vestuário no Contexto Nacional e Internacional

Publicação Trimestral – Abril a Junho/2017

PROPRIEDADE

CENIT – Centro de Inteligência Têxtil

COORDENAÇÃO GERAL

Manuel Teixeira

DATA DE EDIÇÃO

Outubro de 2017

Índice

05	1. Introdução
07	2. Conjuntura económica global
07	2.1. Atividade económica
11	2.2. Preços e taxas de câmbio
13	2.3. Taxas de juro e mercados financeiros
16	2.4. Mercado de trabalho e custos do trabalho
17	2.5. Perspetivas para o futuro próximo
19	3. Comércio internacional de têxteis e vestuário
23	4. Têxtil e vestuário em Portugal
23	4.1. Evolução da atividade económica
24	4.2. Relevância do comércio internacional
29	4.3. Estrutura do comércio internacional

1. Introdução

O presente documento tem como intuito apresentar, de forma condensada e pragmática, informação relevante sobre a indústria têxtil e de vestuário (ITV) em termos de dinâmica trimestral, almejando contribuir para a definição e afinação adequada de estratégias de crescimento e de internacionalização das empresas portuguesas.

Para tal, coligiu-se e sistematizou-se um conjunto de dados estatísticos oficiais sobre a ITV no contexto nacional e no contexto internacional, sem deixar de conferir um enquadramento mais amplo, relativo à economia em geral.

Para além deste ponto introdutório, enquadrado no âmbito do Capítulo 1, o corrente documento estrutura-se em torno de três capítulos adicionais.

O Capítulo 2 é dedicado à apresentação, sintética, da evolução da conjuntura económica portuguesa, procedendo-se, sempre que oportuno, à sua comparação com a realidade internacional.

Por sua vez, o Capítulo 3 é dedicado ao contexto internacional, centrando-se, para o efeito, em dados do comércio mundial, num primeiro passo relativo à globalidade das mercadorias e, de seguida, relativo aos produtos da ITV.

Por fim, o Capítulo 4 centra-se na ITV portuguesa e, mais concretamente, nos seus fluxos de comércio mundial, apresentando-se aqui um maior nível de detalhe da informação,

relativamente aos dois capítulos anteriores, quer do ponto de vista dos produtos que perfazem a ITV e do seu alinhamento com a especialização produtiva portuguesa, quer do ponto de vista dos indicadores analisados. Este último capítulo pretende, no fundo, constituir-se como uma base fiável e útil para a identificação de oportunidades para a internacionalização das empresas portuguesas da ITV.

Atendendo à periodicidade trimestral desta publicação, a apresentação da informação segundo este horizonte temporal de análise encontra-se patente, sendo que, para assegurar a maior uniformidade possível na leitura dos dados e indicadores apresentados, procurou-se dar um claro enfoque ao 2.º trimestre de 2017. De acordo com a natureza dos dados e indicadores selecionados, a análise é apresentada em termos homólogos e em cadeia.

As fontes de informação foram selecionadas com base na conjugação de dois critérios: grau de disponibilização de informação enquadrável com o horizonte temporal visado no estudo e credibilidade da informação fornecida. Neste sentido, destaca-se o recurso a dados e indicadores provenientes das seguintes fontes: Banco de Portugal (BdP), Banco Central Europeu (BCE), Comissão Europeia (CE), Energy Information Administration (EIA), European Money Markets Institute (EMMI), Eurostat, Instituto Nacional de Estatística (INE), International Trade Centre (ITC) e Office of Textiles and Apparel (OTEXA).



Painel de bordo (2.º trimestre de 2017)

Variações homólogas trimestrais

Produto Interno Bruto	Indicador de sentimento económico	Indicador de atividade económica*
↑ 3,0 %	↑ 6,3 %	↑ 1,1 %
Produção industrial	Volume de negócios na indústria	Índice de preços no consumidor
↓ 0,2 %	↑ 5,9 %	↑ 1,4 %
Índice de preços no produtor	Preço do Brent (USD/barril)	EUR/USD (média trimestre)
↑ 4,0 %	↑ 9,1 %	↓ 2,6 %
EURIBOR a 3 meses	Yield das OT a 10 anos	Taxa juro em novas operações de crédito (< 1M€)
↓ 0,07 p.p.	↑ 0,18 p.p.	↓ 0,38 p.p.
Taxa de desemprego	Custo do trabalho	Apreciação sobre a situação atual da economia
↓ 2,0 p.p.	↑ 1,4 %	↑ 23,9 p.p.
Vendas nos próximos 3 meses	Exportações nos próximos 3 meses	Perspetivas sobre a evolução da economia
↑ 1,9 p.p.	↑ 6,9 p.p.	↑ 17,2 p.p.
Exportações mundiais de mercadorias (dados provisórios)	Exportações mundiais têxteis e vestuário (dados provisórios)	Exportações portuguesas de mercadorias
↑ 9,4 %	↑ 1,7 %	↑ 7,7 %
Importações portuguesas de mercadorias	Exportações portuguesas de têxteis e vestuário	Importações portuguesas de têxteis e vestuário
↑ 13,0 %	↑ 2,9 %	↑ 9,5 %

2. Conjuntura económica global

2.1. Atividade económica

Segundo os dados do Eurostat, a economia portuguesa manteve, no 2.º trimestre de 2017, a trajetória de crescimento registada desde o 3.º trimestre de 2016, evidenciando uma aceleração do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em relação ao trimestre anterior. O crescimento do PIB foi na ordem de 3,0% no 2.º trimestre de 2017.

Em termos homólogos, no 2.º trimestre de 2017, destaca-se o aumento do investimento

O crescimento homólogo das exportações ficou acima do crescimento das importações

O indicador de sentimento económico revelou uma evolução positiva, mantendo a tendência registada nos dois trimestres transatos

Em termos homólogos, no 2.º trimestre de 2017, o consumo privado aumentou e o consumo público diminuiu

Os índices de volume de negócios nos serviços e no comércio revelaram uma evolução positiva, em comparação com o trimestre transato

O índice de preços no consumidor no 2.º trimestre de 2017 acelerou 1,4% face ao período homólogo

		2T/2015	3T/2015	4T/2015	1T/2016	2T/2016	3T/2016	4T/2016	1T/2017	2T/2017
PIB preços de mercado (VH)	Portugal	1,9	1,9	1,6	1,2	1,0	1,8	2,2	2,8	3,0
	Zona euro	2,0	2,0	2,0	1,7	1,8	1,7	1,9	2,0	2,3
Consumo privado	Portugal	3,1	2,0	1,6	2,3	1,2	2,0	2,9	2,3	1,9
	Zona euro	1,8	1,8	1,8	2,1	2,0	1,9	1,9	1,6	1,8
Consumo público	Portugal	1,7	1,6	1,7	1,6	0,7	0,2	0,0	-0,3	-0,6
	Zona euro	1,2	1,4	1,5	1,8	1,9	1,6	1,7	1,0	1,2
Investimento	Portugal	11,5	4,8	6,5	-1,9	-0,8	0,1	6,3	7,9	9,3
	Zona euro	1,4	3,4	5,1	2,4	5,2	4,1	4,1	3,9	4,1
Exportações	Portugal	7,6	5,6	3,9	3,6	1,7	4,9	6,0	9,7	8,1
	Zona euro	6,9	5,6	5,2	3,2	3,1	3,2	3,8	4,6	4,4
Importações	Portugal	13,2	6,8	6,0	4,2	1,3	3,7	7,3	9,1	7,0
	Zona euro	6,4	6,0	6,6	4,2	5,2	4,6	4,9	4,8	4,3

Fonte: Eurostat

Sistematiza-se, de seguida, um conjunto de dados sobre a atividade económica nacional, destacando-se, sempre que possível, o 2.º trimestre de 2017.

No 2.º trimestre de 2017, o PIB português apresentou um crescimento de 3,0% face ao mesmo período de 2016 (com base nos dados do Eurostat), acelerando assim o ritmo de crescimento verificado no 1.º trimestre do ano (crescimento de 2,8%).

Conforme divulgado pelo INE, o contributo da procura externa líquida para a variação homóloga do PIB, em volume, manteve-se

ligeiramente positivo no 2.º trimestre na ordem de 0,1 pontos percentuais (p.p.), verificando-se uma desaceleração em volume das exportações de bens e serviços de magnitude idêntica à observada nas importações de bens e serviços. O contributo positivo da procura interna aumentou em resultado do comportamento do investimento, que passou de um crescimento homólogo de 7,7% no 1.º trimestre para 9,3% no 2.º trimestre. O consumo privado registou uma variação homóloga de 2,1% no 2.º trimestre (2,3% no trimestre anterior). O consumo público apresentou uma taxa de variação homóloga de -0,9% (variação de -0,4% no trimestre anterior).

Comparativamente com o trimestre anterior, o PIB aumentou 0,3% em termos reais (variação em cadeia de 1,0% no 1.º trimestre). A procura externa líquida apresentou um contributo negativo no 2.º trimestre (-0,4 p.p.), após o contributo positivo no trimestre anterior (0,4 p.p.), refletindo a redução das exportações de bens e serviços. O contributo positivo da procura interna aumentou, passando de 0,6 p.p. no trimestre anterior para 0,8 p.p., devido à evolução do investimento, verificando-se contributos positivos da variação de existências e da Formação Bruto de Capital Fixo (FBCF), embora no último caso menos intenso que o observado no trimestre anterior.

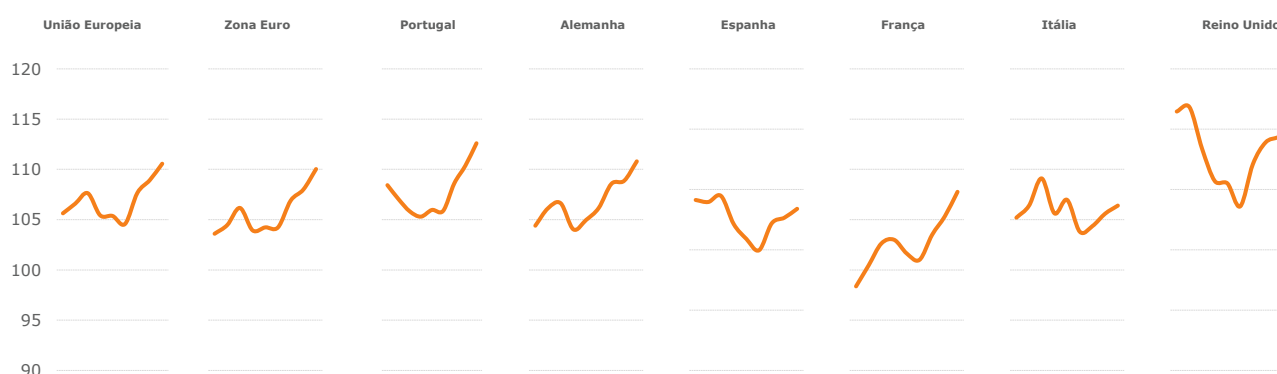
O indicador de sentimento económico da Comissão Europeia subiu para Portugal no 2.º trimestre de 2017, mantendo assim a evolução positiva, em termos de variação em cadeia, que

se tem verificado desde o 4.º trimestre de 2016. Em termos da variação homóloga, o índice no 2.º trimestre ficou 6,3% acima do valor registado em igual período de 2016.

Todos os países em destaque evidenciaram uma evolução positiva em cadeia ao longo dos últimos três trimestres, situação que foi também evidenciada no conjunto da União Europeia (UE) e da zona euro. De salientar o caso da Alemanha, que tem evidenciado evoluções positivas em cadeia desde o 2.º trimestre de 2016.

Em termos da variação homóloga, entre os países em destaque, apenas a Itália registou uma variação negativa no 2.º trimestre de 2017, com o índice para o conjunto da UE a crescer 4,9% e para a zona euro a evidenciar um crescimento de 5,6% na comparação com igual período de 2016.

Figura 1. Evolução do indicador de sentimento económico: Portugal, zona euro, UE e principais economias europeias

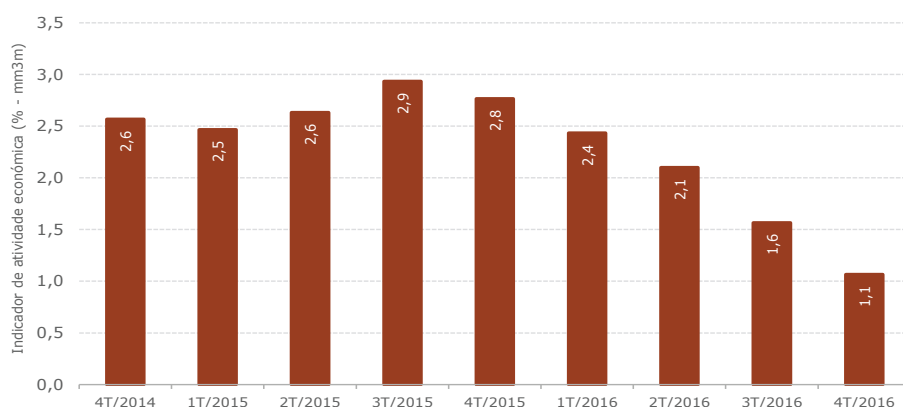


Fonte: Comissão Europeia

O indicador de atividade económica, que se encontrava relativamente estável entre o 4.º trimestre de 2014 e o 2.º trimestre de 2015 e apresentou uma evolução positiva de 0,3 p.p. no 3.º trimestre de 2015 face ao trimestre anterior

(posicionando-se, assim, nos 2,9%), iniciou deste então uma trajetória descendente, tendo terminado o 4.º trimestre de 2016 nos 1,1%, o que corresponde a uma contração de 1,7 p.p. face a igual período de 2015.

Evolução do indicador de atividade económica

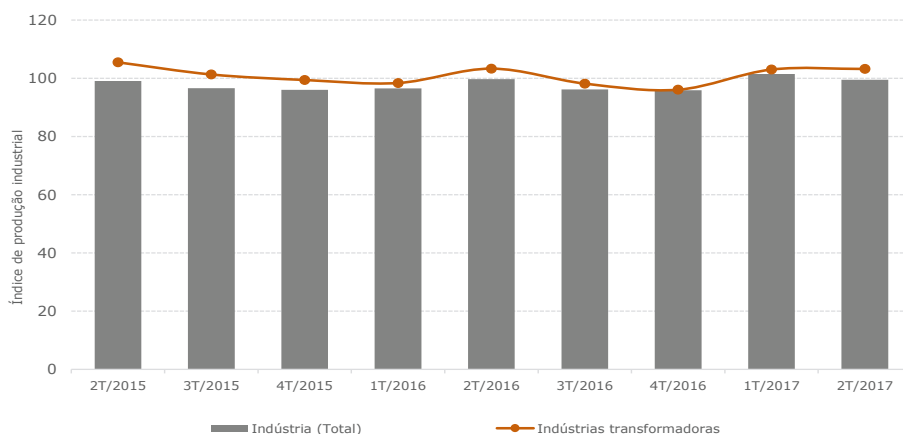


Fonte: INE

Após dois trimestres consecutivos com variações em cadeia negativas, o índice de produção industrial para o total da indústria portuguesa cresceu no 1.º trimestre de 2017, tendo, no entanto, evoluído novamente de forma negativa no 2.º trimestre do ano, registando, em termos homólogos, uma quebra de 0,2%.

Por seu lado, o índice da indústria transformadora evoluiu negativamente na última metade de 2016, tendo aumentado consideravelmente no 1.º trimestre de 2017 e subido ligeiramente no 2.º trimestre do ano. Em termos homólogos, no 2.º trimestre de 2017, o índice de produção industrial na indústria transformadora evidenciou uma quebra de 0,1%.

Evolução do índice de produção industrial



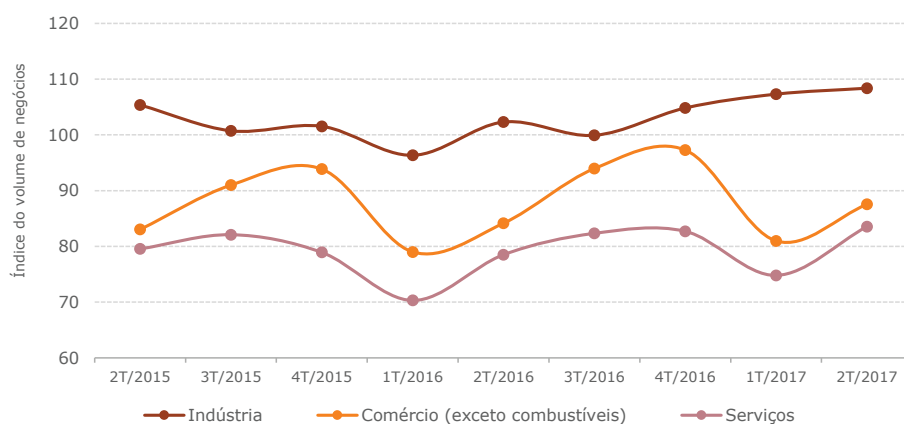
Fonte: INE

No tocante ao índice de volume de negócios e considerando os três grandes setores de atividade (indústria, comércio e serviços), este indicador tem revelado uma tendência de evolução idêntica ao longo do período em destaque. Ressalvando, na evolução em cadeia, a quebra verificada no 1.º trimestre de 2016, estes indicadores têm demonstrado um crescimento em cadeia praticamente constante. De notar as únicas exceções no caso da indústria, no 3.º trimestre de 2016

e, no caso do comércio a retalho e dos serviços, a quebra em cadeia verificada no 1.º trimestre de 2017.

Relativamente à evolução homóloga destes indicadores, salienta-se o crescimento registado nos três casos no 2.º trimestre de 2017, destacando-se os serviços com uma subida de 6,4%, seguidos pela indústria com um crescimento de 5,9% e o retalho com uma subida de 4,0% (apenas disponíveis os dados relativos ao mês de abril).

Evolução do índice do volume de negócios total por grandes setores de atividade



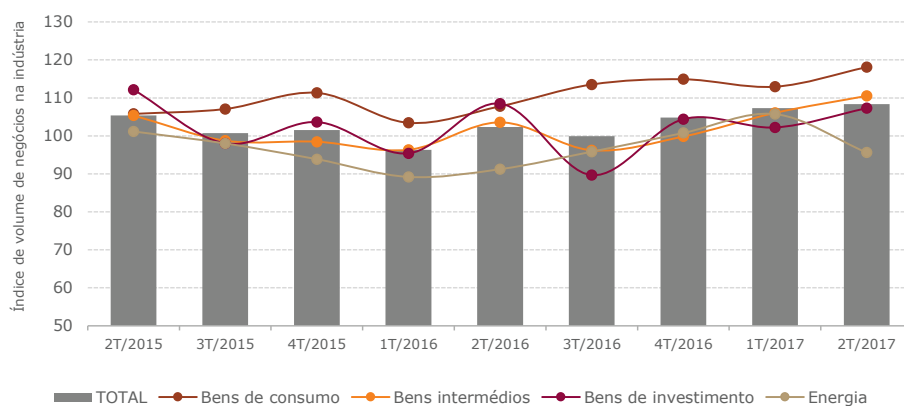
Fonte: INE

O índice de volume de negócios na indústria registou no 2.º trimestre de 2017 uma subida homóloga de 5,9%, para a qual contribuíram as subidas registadas ao nível dos bens de consumo, dos bens intermédios e da energia. Os bens de consumo apresentaram um índice superior ao total da indústria ao longo de todo o período em análise, tendo a sua tendência de crescimento acompanhado de forma generalizada a dos restantes tipos de bens em questão. Por outro lado, a energia evidenciou um índice trimestral

sistematicamente inferior ao total da indústria ao longo de todo o período em análise, sendo de salientar pela negativa a quebra em cadeia registada no 2.º trimestre de 2017.

No 2.º trimestre de 2017, os bens de investimento registaram uma subida em cadeia no seu índice de volume de negócios de cerca de 5,0% face ao trimestre anterior, enquanto os bens de consumo cresceram 4,6% e os bens intermédios cresceram 4,2%.

Evolução do índice do volume de negócios total da indústria, por agrupamentos industriais



Fonte: INE

2.2. Preços e taxas de câmbio

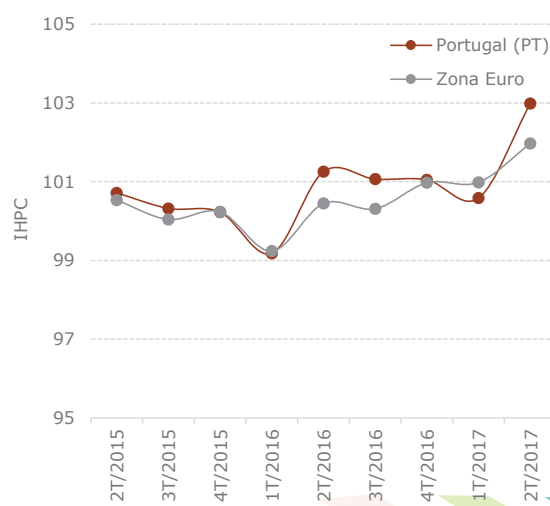
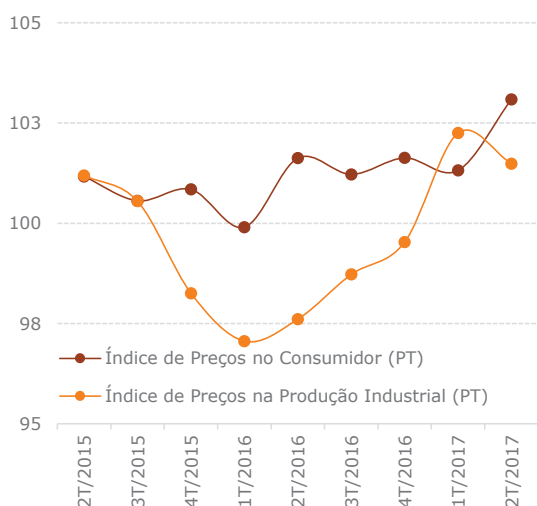
Em termos homólogos, a taxa de inflação, medida pelo Índice de Preços no Consumidor (IPC) permaneceu praticamente inalterada nos 1.º e 2.º trimestres de 2017, posicionando-se na ordem dos 1,4%. No entanto, analisando em termos da evolução do Índice Harmonizado de Preços no Consumidor (IHPC), verificou-se um agravamento deste indicador, que passou de uma variação homóloga de 1,4% no 1.º trimestre para os 1,7% no 2.º trimestre de 2017.

Conforme a análise do INE, a variação homóloga do IPC aumentou para 1,4% em setembro de 2017, taxa superior em 0,3 p.p. à registada no mês anterior. O indicador de inflação subjacente (índice total excluindo produtos alimentares não transformados e energéticos) registou uma variação homóloga de 1,3%, taxa idêntica à registada no mês anterior. A variação mensal do IPC foi 0,9% (nula no mês anterior e 0,7% em setembro de 2016). A variação média dos últimos doze meses fixou-se em 1,2%, taxa superior em 0,1 p.p. à registada no mês anterior.

Por seu lado, o IHPC português registou uma variação homóloga de 1,6%, valor superior em 0,3 p.p. ao mês anterior e superior em 0,1 p.p. à estimativa do Eurostat para a zona euro (em agosto, a taxa do IHPC português foi inferior em 0,2 p.p. à verificada na zona euro). O IHPC registou uma variação mensal de 1,0% (0,2% no mês anterior e 0,7% em setembro de 2016) e uma variação média dos últimos doze meses de 1,3% (1,2% no mês anterior).

Segundo o INE, no caso do Índice de Preços na Produção Industrial (IPPI) no 2.º trimestre de 2017, a taxa de variação homóloga do IPPI situou-se em 3,9% (variação de 4,5% no 1.º trimestre). O agrupamento de energia foi o mais influente para a variação do índice trimestral, com um contributo de 2,7 p.p. resultante do aumento de 14,5% (20,3% no trimestre anterior). Sem este agrupamento, os preços na produção industrial aumentaram 1,4% (variação de 0,9% no 1.º trimestre). Por secções, o índice das indústrias transformadoras, com uma taxa de variação homóloga trimestral de 2,9% (3,3% no trimestre anterior), apresentou

Evolução do IPC e IPPI para Portugal e do IHPC para Portugal e para a zona euro



Fonte: INE e Eurostat

o contributo mais significativo para a variação do índice total (2,6 p.p.).

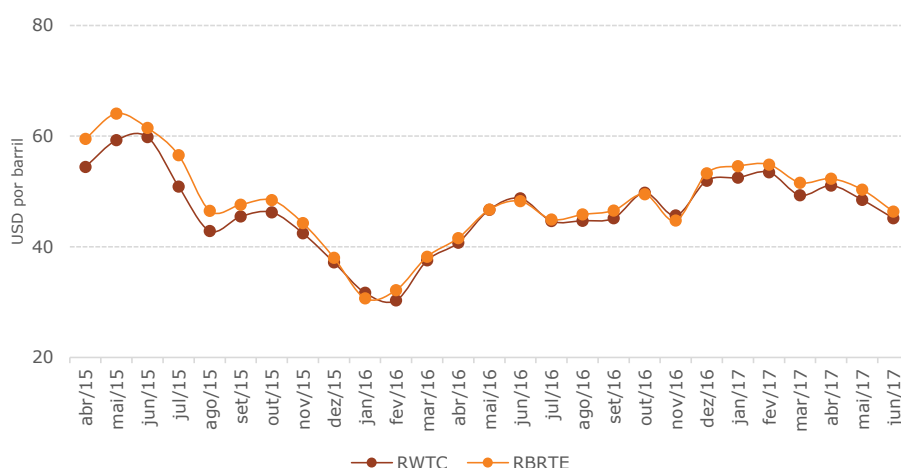
De referir que, a partir do 3.º trimestre de 2015, a diferença entre o IPC e o IPPI ampliou-se, com este último a fixar-se sistematicamente abaixo do primeiro, situação especialmente visível no 2.º trimestre de 2016 e apenas contrariada no 1.º trimestre de 2017.

Tomando como referência o IHPC, o diferencial de inflação de Portugal em relação à zona euro aumentou na comparação com o período homólogo, tendo passado de uma diferença positiva de 0,81 pontos no 2.º trimestre de 2016 para uma diferença positiva de 1,02 pontos no 2.º trimestre de 2017.

Ao longo do período considerado nesta análise (abril de 2015 a junho de 2017), o preço do Brent alcançou um máximo de 64,08 dólares por barril em maio de 2015, momento a partir do qual se observou a sua queda generalizada até janeiro de 2016, atingindo o preço mais baixo do período em análise, fixando-se nos 30,70 dólares por barril.

Durante os primeiros seis meses de 2017, o preço do Brent oscilou entre o máximo de 54,87 dólares, registado em fevereiro, e o mínimo de 46,37 dólares, observado em junho, fechando o primeiro semestre com um preço médio de 51,68 dólares por barril, acima do preço médio de 47,48 dólares verificado no 2.º semestre de 2016.

Evolução do preço do Brent (USD por barril)



Fonte: EIA

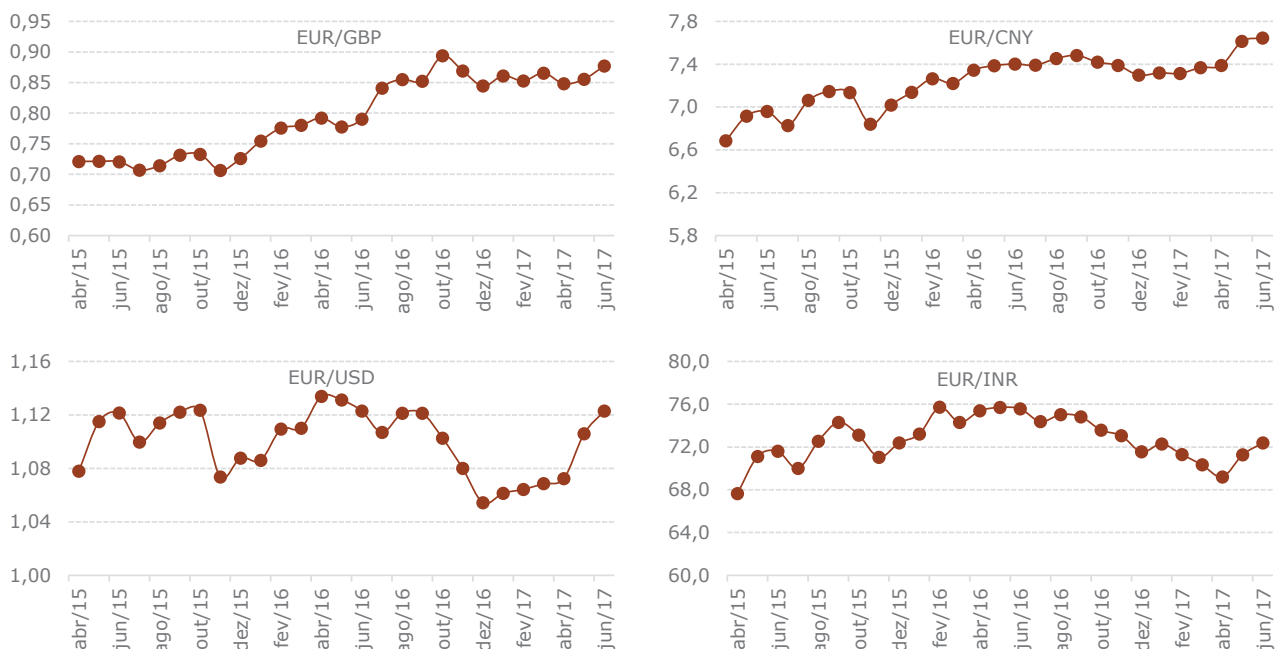
No tocante a taxas de câmbio, verificou-se no 2.º trimestre de 2017 um movimento generalizado de apreciação do euro face às moedas dos principais parceiros comerciais portugueses em produtos têxteis e de vestuário. No entanto, esta apreciação em cadeia ficou, em alguns casos, aquém da taxa de câmbio verificada em período homólogo.

Relativamente ao dólar, foi verificada no 2.º trimestre de 2017 uma descida homóloga de 2,6% na cotação média, uma variação que contrasta com a subida em cadeia de 3,3% registada na comparação com o trimestre anterior.

Com a libra, verificou-se uma acentuada apreciação do euro, tendo-se verificado uma variação homóloga de 9,3% em relação a igual período de 2016, ao passo que na comparação em cadeia verificou-se uma estabilização, com o euro a valorizar apenas 0,1% no 2.º trimestre de 2017.

Relativamente ao yuan, o euro apreciou 2,3% na comparação homóloga no 2.º trimestre de 2017, com um crescimento de 2,9% em cadeia. No que se refere à rupia indiana, foi verificada uma depreciação homóloga de 6,1% do euro no trimestre em análise, com a variação trimestral em cadeia a cair 0,5%.

Evolução da taxa de câmbio do euro com as principais moedas com quem Portugal tem relações comerciais no têxtil e vestuário



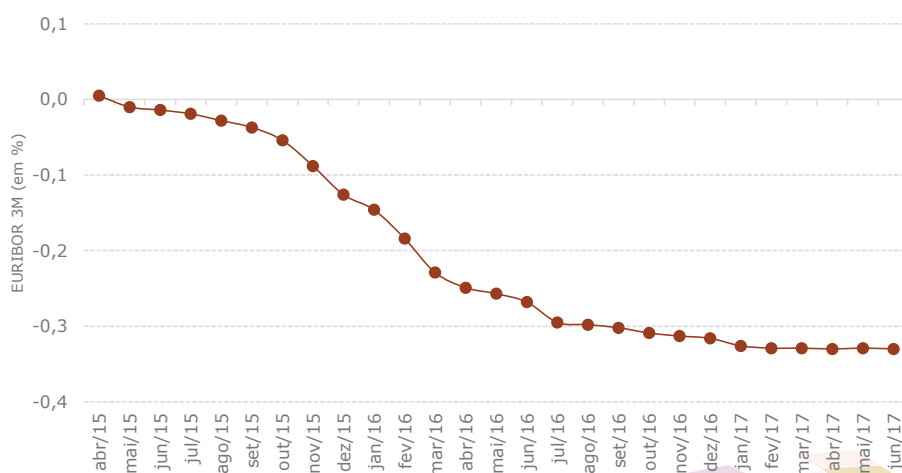
Fonte: Banco de Portugal

2.3. Taxas de juro e mercados financeiros

A Euribor a 3 meses, com valores negativos desde maio de 2015, não tem sofrido alterações substantivas ao longo do corrente ano. Após a tendência de queda acentuada, seguida por um período de queda ligeira, as taxas estabilizaram

desde o início de 2017 e, no médio prazo, face à decisão do Banco Central Europeu (BCE) de não alterar as taxas de juro, a tendência será no sentido da estabilização da Euribor em torno dos valores atuais.

Evolução da taxa Euribor a 3 meses



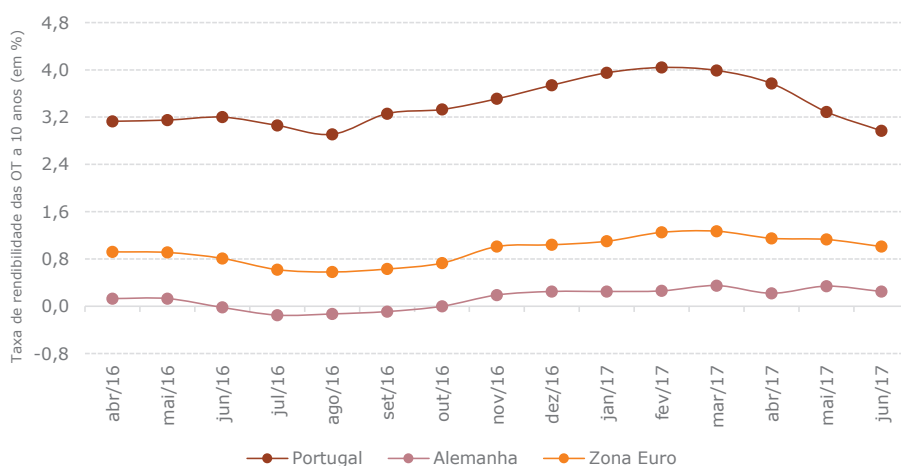
Fonte: EMMI

Em junho de 2017, as yields das Obrigações do Tesouro (OT) português a 10 anos registaram uma descida de 0,23 p.p. face ao período homólogo de 2016, passando de 3,20% para 2,97%, o valor mais baixo que se registou no corrente ano. Efetivamente, após o pico de 4,04% verificado em fevereiro de 2017, as yields têm evidenciado uma tendência de descida.

Por sua vez, as yields das OT alemãs registaram uma desaceleração no início do 2.º trimestre de 2017 (0,22% em abril), mas após um incremento em maio (0,34%) terminaram o trimestre com uma taxa de 0,25%.

Relativamente à zona euro, apesar de as yields terem apresentado um andamento semelhante ao da Alemanha na generalidade do período em análise, verificou-se que no mês de março de 2017 as taxas na comparação homóloga ficaram significativamente acima das verificadas em igual período do ano anterior, registando-se uma tendência de quebra a partir desse ponto, atingindo os 1,01% em junho. Considerando a análise desde abril de 2015, as yields da zona euro registaram o pico máximo em junho de 2015 (1,63%) e o mínimo em agosto de 2016 (0,58%).

Evolução da yield das OT a 10 anos

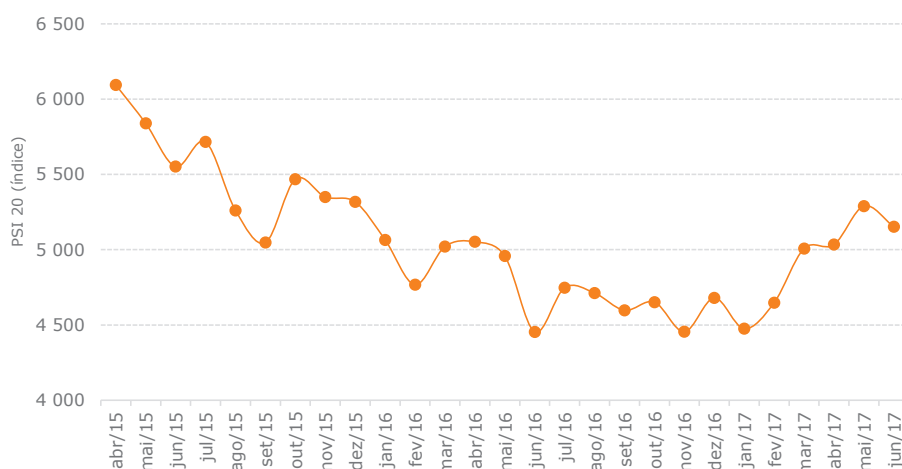


Fonte: Eurostat

O índice PSI20 evidenciou, na variação em cadeia, uma quebra em junho de 2017 (-2,6%), que surge após um período de subidas constantes, desde fevereiro de 2017 a maio de 2017. O índice encerrou o 1.º semestre de 2017 acumulando uma subida de 15,1% desde o

início do ano e posicionando-se 15,7% acima da posição registada em junho de 2016. Ao longo do conjunto de 2017 (dados relativos ao fim do período), o índice evidenciou o valor mais elevado em maio (5.289,98 pontos) e o mais baixo em janeiro (4.475,03 pontos).

Evolução do mercado de capitais nacional (PSI20)

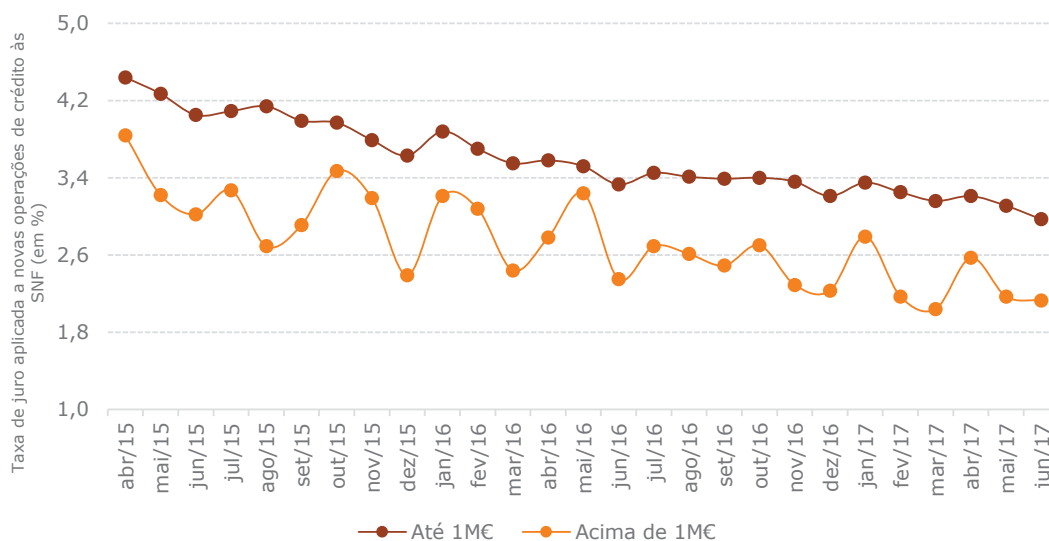


Fonte: Eurostat

Em junho de 2017 a taxa de juro média dos novos empréstimos concedidos a Sociedades Não Financeiras (SNF) até 1 milhão de euros foi de 2,97%, o que corresponde a diminuições de 0,36 p.p. face ao período homólogo e de 0,14 p.p. em relação ao mês anterior. Ao longo do período em análise, este indicador tem registado uma tendência generalizada de descida.

Quanto aos empréstimos superiores a 1 milhão de euros, a tendência não tem sido tão linear, tendo registado vários picos e cavas ao longo do período em análise. Ainda assim, com referência a junho de 2017, as taxas de juro destes empréstimos registaram uma diminuição homóloga de 0,22 p.p. e uma diminuição de 0,04 p.p. na comparação em cadeia.

Evolução das taxas de juro aplicadas a novas operações de crédito às SNF



Fonte: Banco de Portugal

2.4. Mercado de trabalho e custos do trabalho

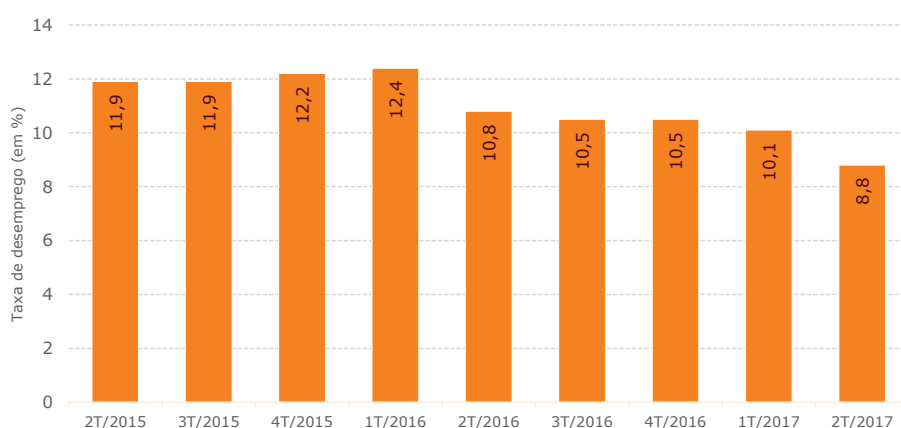
A taxa de desemprego em Portugal situou-se em 8,8% no 2.º trimestre de 2017, mantendo assim ininterrupta a tendência de descida que se tem verificado desde o 2.º trimestre de 2016. Esta evolução reflete uma queda de 1,3 p.p. em cadeia e uma redução de 2,0 p.p. quando considerada a variação homóloga.

Conforme referido na análise do INE, a população desempregada, estimada em 461,4 mil pessoas, registou uma diminuição trimestral de 11,9% (menos 62,5 mil), prossequindo as diminuições trimestrais observadas desde o 2.º trimestre

de 2016. Em relação ao trimestre homólogo, verificou-se uma diminuição de 17,5% (menos 97,9 mil).

A população empregada, estimada em 4.760,4 mil pessoas, verificou um acréscimo trimestral de 2,2% (mais 102,3 mil). Em relação ao trimestre homólogo, verificou-se um aumento de 3,4% (mais 157,9 mil), o maior desde o 4.º trimestre de 2013. A taxa de atividade da população em idade ativa (15 e mais anos) situou-se em 59,0%, tendo aumentado 0,5 p.p. em relação ao trimestre anterior e 0,7 p.p. face ao trimestre homólogo.

Evolução da taxa de desemprego em Portugal



Fonte: INE

O Índice do Custo de Trabalho (ICT) em Portugal (dados do Eurostat), no 2.º trimestre de 2017, registou um crescimento homólogo de 1,4%. De referir que, na evolução em cadeia, o índice diminuiu 0,3%. O índice posicionou-se nos 102,7 pontos (ano base 2012). Este crescimento surge em linha com a tendência registada em período homólogo de 2016, no qual verificou-

se um incremento de 1,0% no ICT em Portugal, quando comparado com igual período de 2015. De referir que o ICT em Portugal tem revelado, sistematicamente, valores inferiores aos da zona euro.

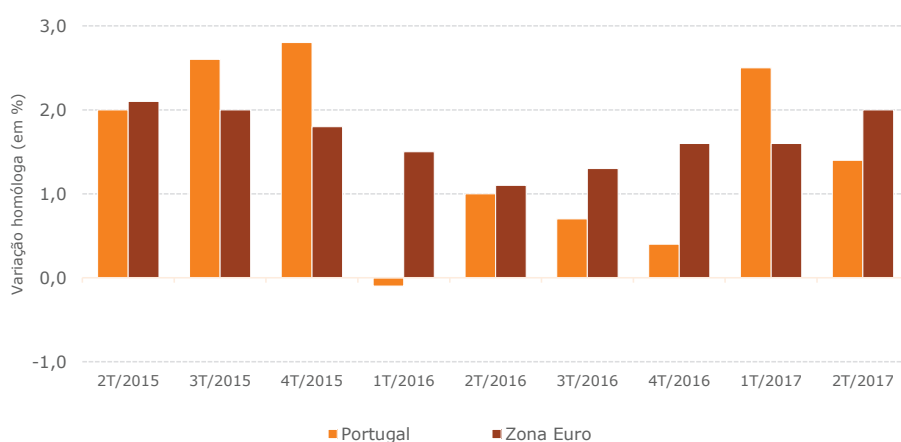
De acordo com o INE e considerando os valores ajustados de dias úteis, no 2.º trimestre de

2017 o ICT registou um acréscimo homólogo de 2,9%. No trimestre anterior tinha sido observado um acréscimo homólogo de 3,4%. As duas principais componentes dos custos do trabalho – custos salariais e os outros custos (por hora efetivamente trabalhada) – aumentaram 2,8% e 3,5%, respetivamente, em

relação ao mesmo período do ano anterior.

Por sua vez, o ICT na zona euro apresentou uma taxa de variação homóloga de 2,0%, enquanto a taxa de variação em cadeia foi de 0,6%, ficando este indicador posicionado nos 107,8 pontos no 2.º trimestre do ano.

Evolução do índice do custo do trabalho em Portugal e na zona euro



Fonte: Eurostat

2.5. Perspetivas para o futuro próximo

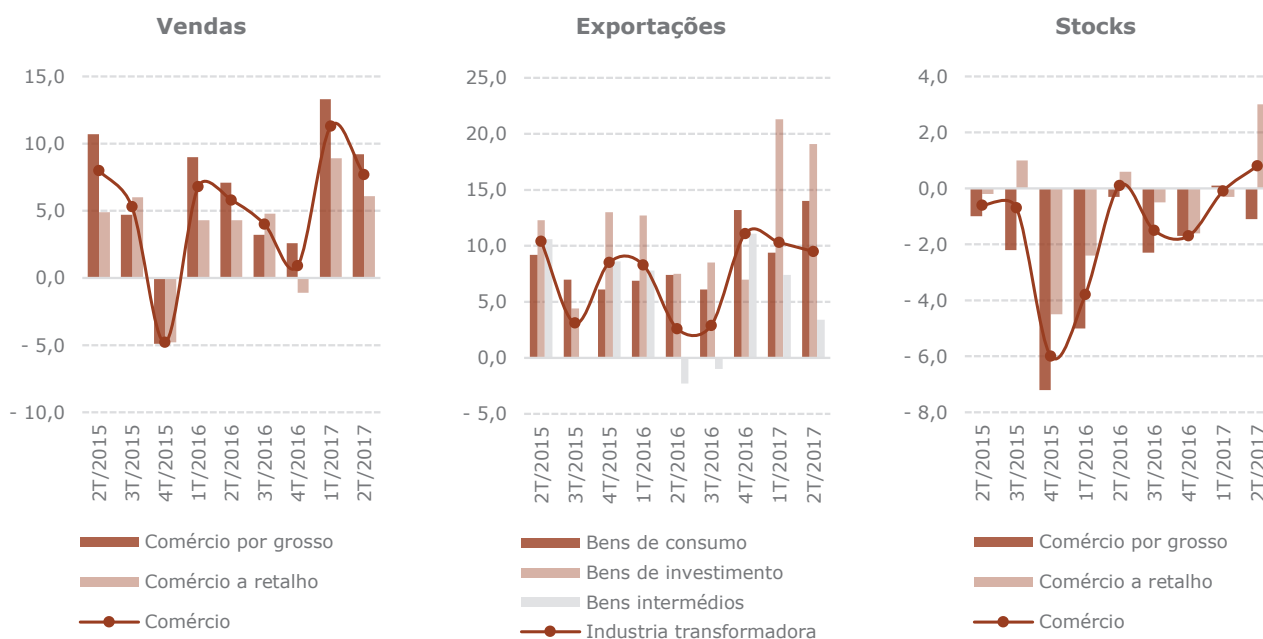
As perspetivas avançadas pelos empresários face ao futuro próximo têm sido moderadamente favoráveis nas últimas inquirições do INE. No que respeita ao volume de vendas, nos dois trimestres de 2017, as perspetivas no comércio em geral revelaram-se positivas, embora com menor intensidade no 2.º trimestre do ano.

No caso das exportações, a confiança do tecido empresarial desacelerou ligeiramente no 2.º trimestre de 2017, prejudicada pelos bens intermédios e pelos bens de investimento, que registaram uma ligeira desaceleração.

Por seu turno, as empresas perspetivam um aumento do nível de existências, especificamente no comércio a retalho, prevendo-se a quebra das existências ao nível do comércio por grosso.

No que concerne à evolução geral da economia, a apreciação das entidades empresariais tem evidenciado, desde o 3.º trimestre de 2016, uma melhoria considerável, registando valores positivos desde o 1.º trimestre de 2017, enquanto as perspetivas sobre a situação económica em geral têm registado desde o 4.º trimestre de 2016 uma tendência de melhoria, antecipando, desta forma, um desempenho económico mais positivo no futuro.

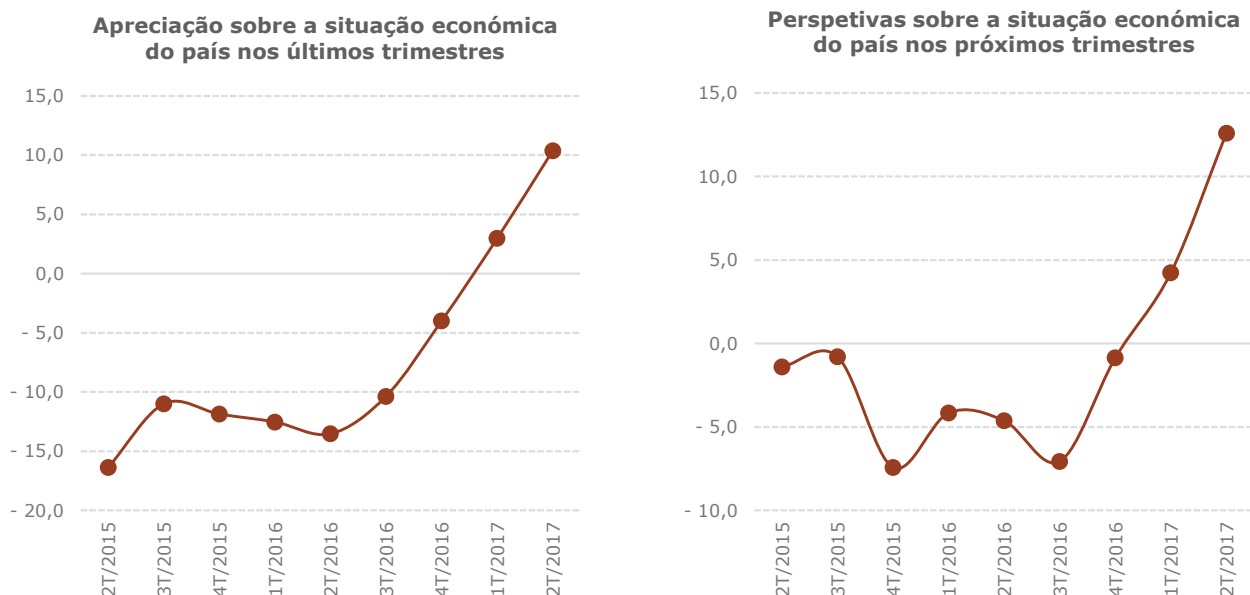
Perspetivas sobre o volume de vendas, exportações e stocks nos próximos trimestres



Nota: saldo de respostas extremas, em %.

Fonte: INE

Avaliação da situação económica atual e futura do país



Nota: saldo de respostas extremas, em %.

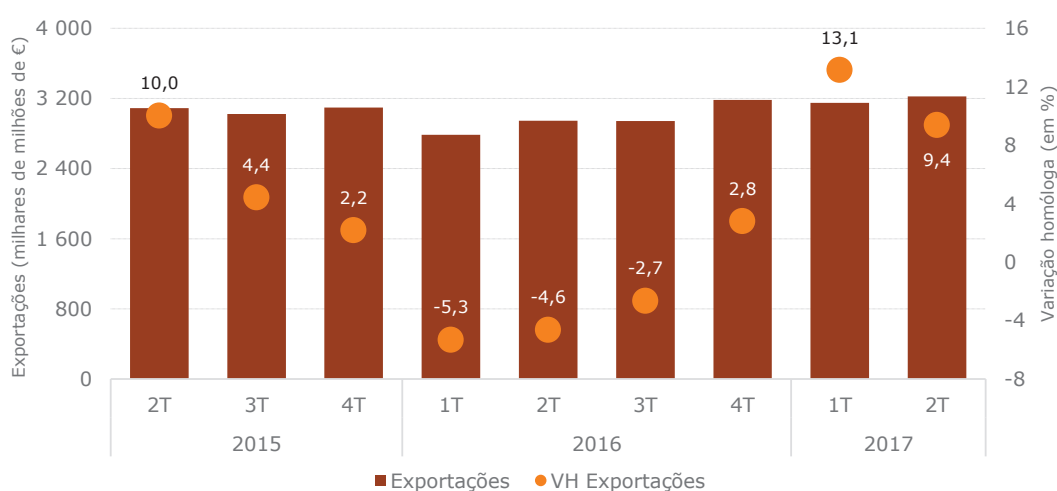
Fonte: INE

3. Comércio internacional de têxteis e vestuário

No 2.º trimestre de 2017, as exportações mundiais de mercadorias registaram uma variação positiva de 9,4% em relação ao período homólogo, desacelerando ligeiramente a tendência de crescimento das trocas internacionais, em relação ao verificado no 1.º trimestre do ano (com base nos dados

preliminares disponíveis no ITC). Em termos de valores, as exportações mundiais de mercadorias atingiram os 3.223 milhares de milhões de euros, com o conjunto do primeiro semestre do ano a ficar marcado por um crescimento homólogo de 11,2% em relação a igual período de 2016.

Evolução do comércio mundial de mercadorias



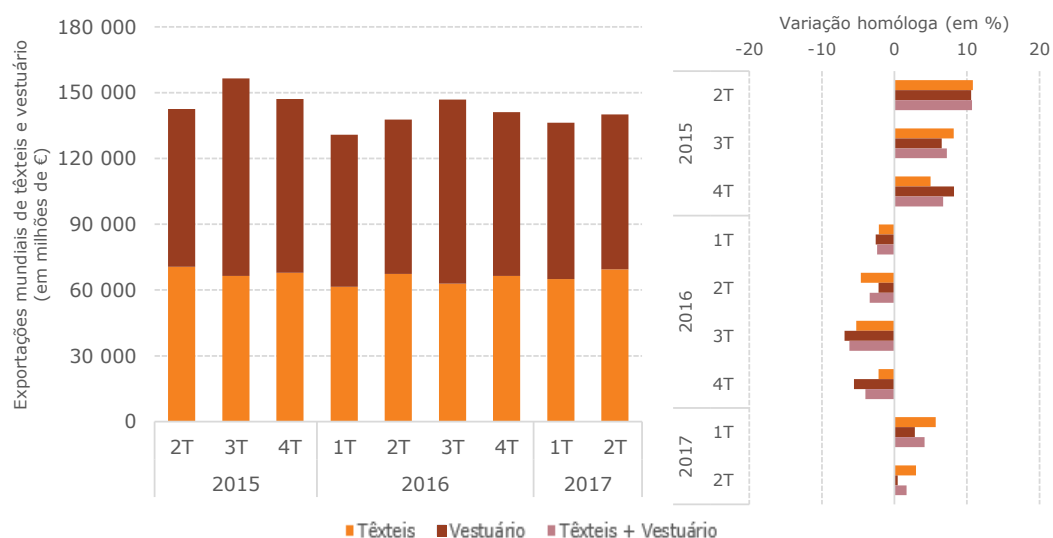
Nota: considerados apenas os países com dados trimestrais nos últimos 3 anos: entre 2015 e 2016 (estes países representam mais de 90% das exportações mundiais).

Fonte: ITC

No respeitante a têxteis e vestuário, no conjunto do 2.º trimestre de 2017, as exportações destes produtos representaram 4,3% do total das exportações mundiais de mercadorias. Em termos homólogos e considerando os dados preliminares disponíveis no ITC, as exportações

mundiais de têxteis e vestuário registaram uma variação positiva de 1,7%, tendo sido a categoria de têxteis a que mais influenciou este resultado (subida homóloga de 3,0%), com as exportações de vestuário a crescerem 0,5%.

Evolução do comércio mundial de produtos de têxtil e vestuário



Nota: valores em milhões de €.

Fonte: ITC

Na UE, no 2.º trimestre de 2017, a Alemanha e a Itália foram os principais países exportadores de têxteis e vestuário, os quais, no seu conjunto, representam mais de 35% das exportações comunitárias. De salientar que, nos dois casos, foi registada uma variação homóloga positiva, com as exportações a crescerem 11,2% na Alemanha e 2,1% na Itália.

Alargando o espectro para o mundo, a China ocupa o lugar de liderança enquanto principal exportador de têxteis e vestuário (quota de 43%), tendo evidenciado um crescimento de 5,1% no valor das suas exportações face ao 2.º trimestre de 2016.

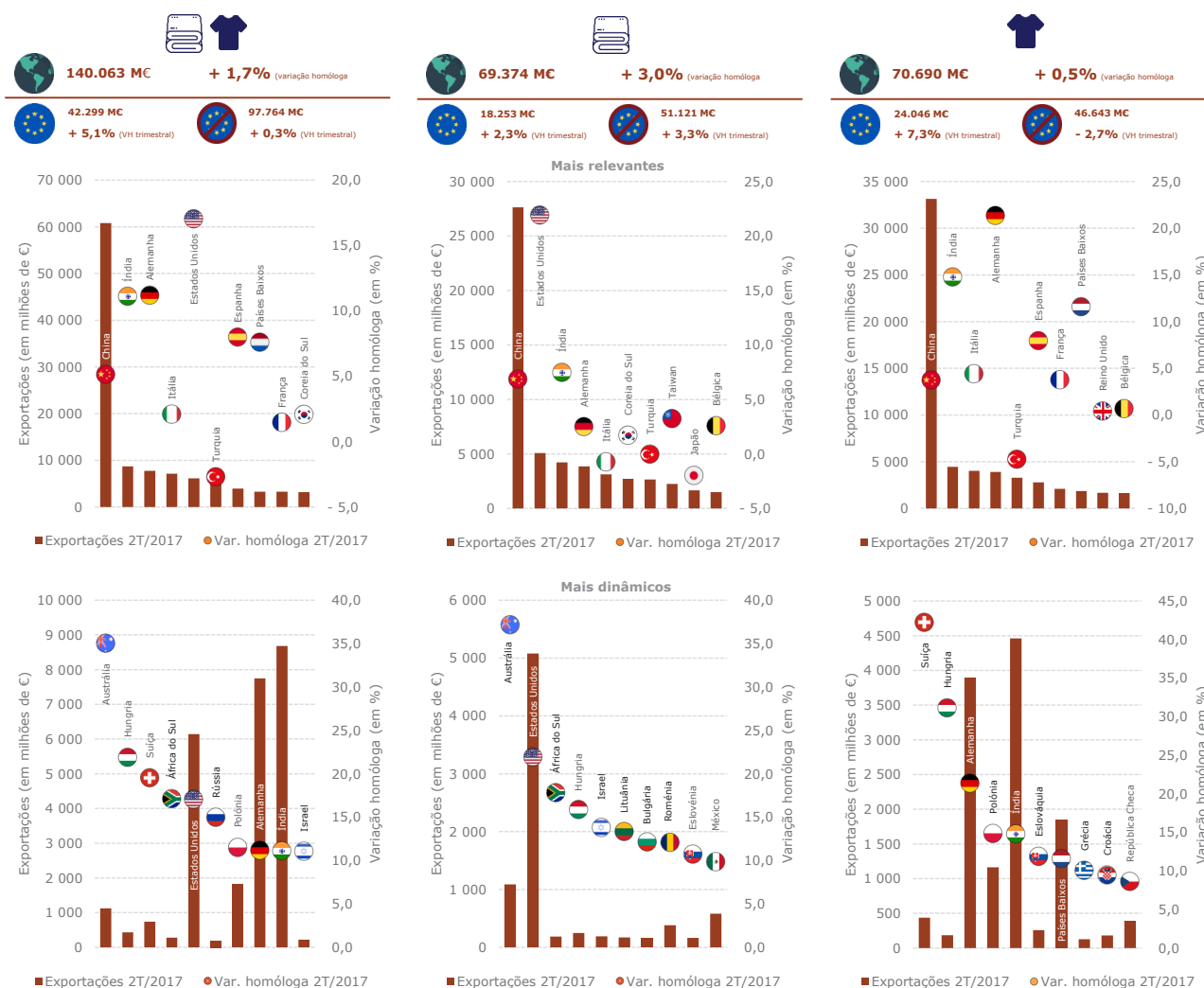
No âmbito da análise dinâmica e considerando os exportadores mais relevantes (com exportações no trimestre superiores a 100 milhões de euros), a Austrália foi o país que mais cresceu face ao trimestre homólogo (+35,0%). No âmbito desta análise, de destacar também a Hungria, a Suíça, a África do Sul e os Estados

Unidos, entre os países mais dinâmicos no 2.º trimestre de 2017.

Nos produtos têxteis, em termos de relevância, são a China, os Estados Unidos, a Índia e a Alemanha, os países que mais se destacam nas exportações, respondendo em conjunto por uma quota mundial de 59%. Em termos de dinâmica, o destaque vai para a Austrália, os Estados Unidos e a África do Sul, que ocupam as primeiras posições.

Por sua vez, do lado das exportações de artigos de vestuário, a China continua a liderar a classificação dos exportadores mais relevantes, com um contributo de 47% do total das exportações, tendo registado um crescimento de 3,7% face a igual período de 2016. Em termos dinâmicos, o destaque vai para a Suíça, a Hungria, a Alemanha e a Polónia, sendo também de destacar a dinâmica conseguida por parte da Índia e dos Países Baixos, entre os principais exportadores mundiais.

Exportadores mundiais de têxtil e vestuário com maior relevância e maior dinâmica



Notas: apenas considerados países com dados trimestrais disponíveis; valores em milhões de euros (M€); na análise dinâmica é considerado o limite mínimo de 100M€.

Fonte: ITC

A UE tem um peso bastante considerável no total das importações de têxteis e vestuário mundiais, com uma quota de 46%, para a qual a Alemanha é o país que mais contribui (representa 20% das importações comunitárias), seguindo-se o Reino Unido (12%), a França (11%) e a Itália (10%).

Do ponto de vista mundial, são os Estados Unidos que lideram a classificação, com uma quota de 21%, sendo também de destacar o Japão (6%) e a China (6%).

Em termos específicos dos produtos têxteis, as importações mundiais no 2.º trimestre de 2017 permaneceram sob o domínio dos Estados Unidos, da China e da Alemanha, que, no conjunto, foram responsáveis por uma quota de 33% das importações mundiais destes produtos.

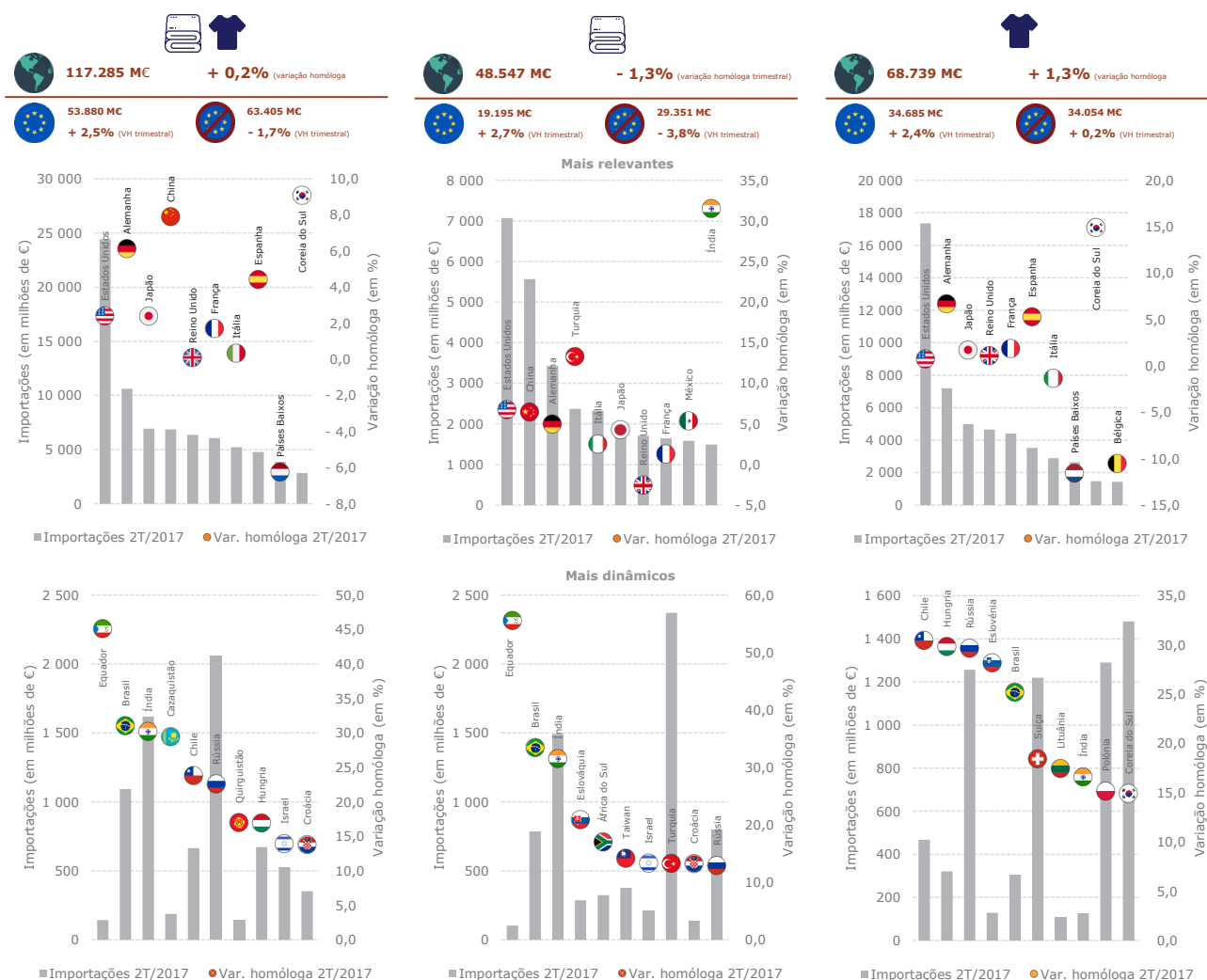
No âmbito dos produtos de vestuário, a China perde relevância, ficando excluída da classificação dos dez principais importadores mundiais. Desta feita, os maiores importadores

mundiais de vestuário no 2.º trimestre de 2017 foram os Estados Unidos, a Alemanha e o Japão, que concentraram 43% do total das importações do trimestre.

No que se refere ao crescimento das importações no 2.º trimestre de 2017 face ao mesmo período do ano anterior, no cômputo dos produtos de têxtil e vestuário, o Equador foi o país que mais

cresceu. Concentrando a análise nos países de maior relevância, destaca-se no conjunto das importações de têxteis e vestuário a dinâmica registada por: Rússia, Índia e Brasil. Para além destes países destacam-se também a Turquia na dinâmica em termos das importações de têxteis, bem como o caso da Suíça, da Polónia e da Coreia do Sul ao nível da dinâmica nas importações de vestuário.

Importadores mundiais de têxtil e vestuário com maior relevância e maior dinâmica



Notas: apenas considerados países com dados trimestrais disponíveis; valores em milhões de euros (M€); na análise dinâmica é considerado o limite mínimo de 100M€.

Fonte: ITC

4. Têxtil e vestuário em Portugal

4.1. Evolução da atividade económica

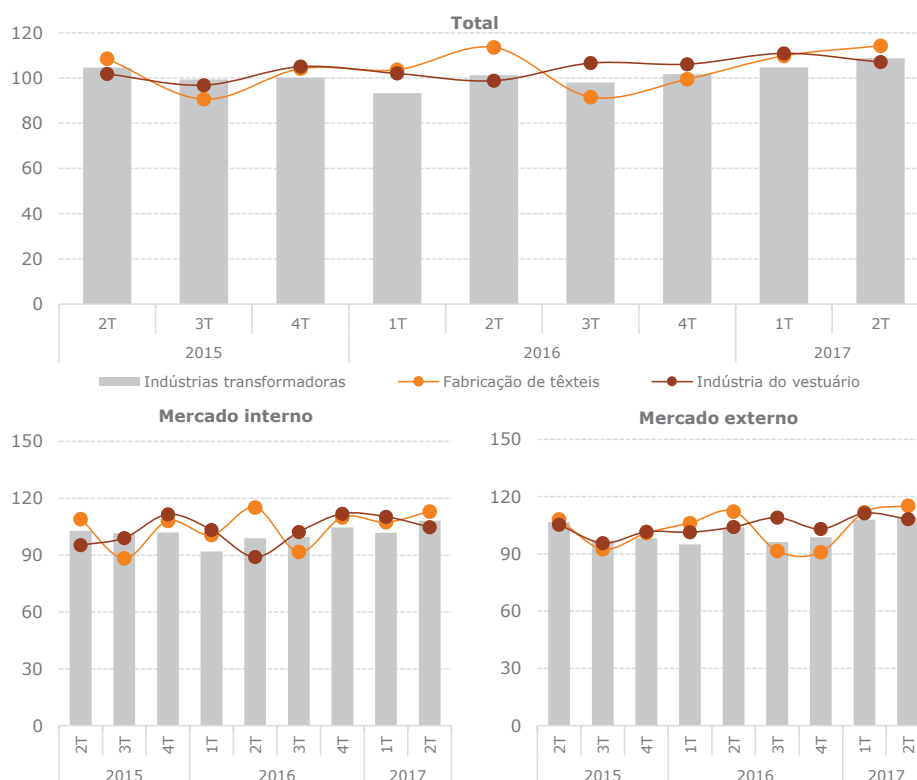
No 2.º trimestre de 2017, o índice de volume de negócios para o conjunto de todas as indústrias transformadoras foi de 108,8 pontos, estando, por conseguinte, acima do patamar registado em 2010, ano base para o cálculo dos valores índice, posicionando-se também acima do valor registado no período homólogo de 2016.

A indústria do vestuário e a fabricação de têxteis têm apresentado, em diversos trimestres, valores índice inferiores aos da indústria transformadora. No caso do vestuário, esta diferença foi particularmente sentida em 2015, nos 2.º e 3.º trimestres do ano, enquanto nos têxteis destaca-se o caso dos 3.º e 4.º trimestres de 2016.

De referir que o sector de vestuário tem evidenciado um desempenho tendencialmente crescente em termos do volume de negócios no mercado externo. De facto, no 2.º trimestre de 2017, a indústria do vestuário faturou no mercado externo mais de 8% acima do valor médio registado em 2010.

Relativamente à fabricação de têxteis, esta aparenta estar novamente a reforçar a sua orientação para o exterior, mantendo ao longo de 2017 um nível de faturação nos mercados externos perto de 14% superior na comparação com o ano de 2010. O 2.º trimestre de 2017 foi mais positivo para a indústria têxtil, em comparação com o anterior, resultado de uma melhoria do desempenho nos mercados interno e externo.

Evolução do volume de negócios na indústria



Nota: Base = 2010; médias trimestrais.

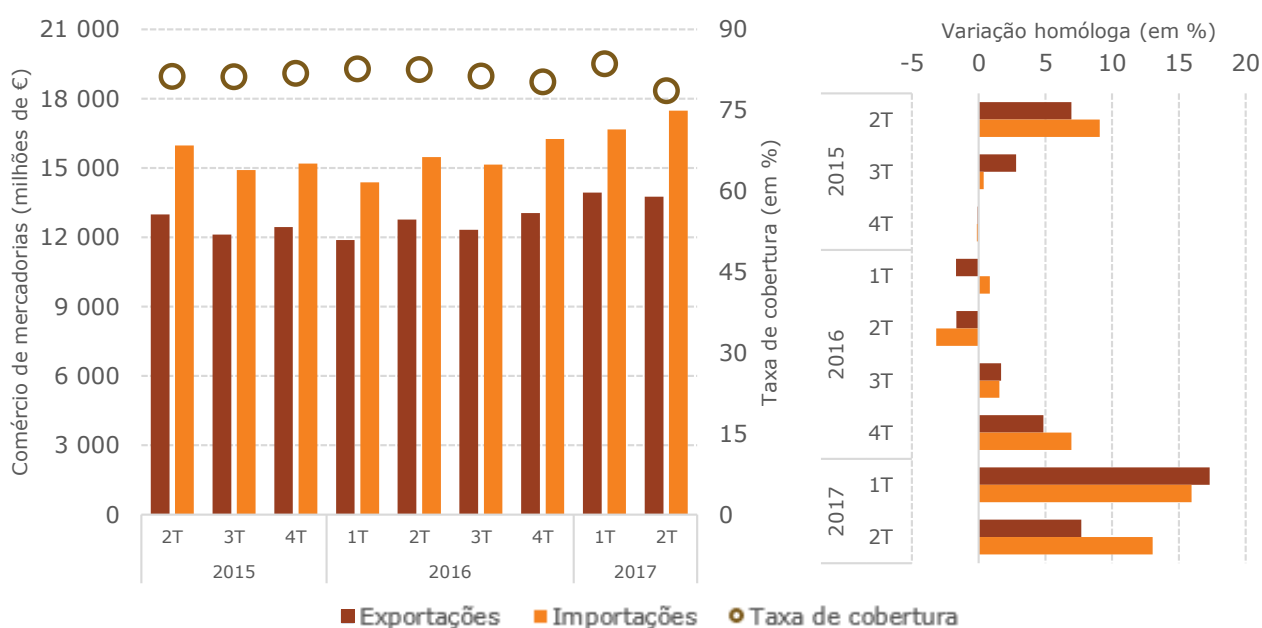
Fonte: INE

4.2. Relevância do comércio internacional

As exportações portuguesas de mercadorias no 2.º trimestre de 2017 foram de 13,8 mil milhões de euros, menos 1,4% do que no 1.º trimestre do ano e mais 7,7% face ao período homólogo de 2016. Por seu lado, as importações apresentaram variações positivas em cadeia (crescimento de 4,9%) e em termos da comparação homóloga (crescimento de 13,0%), tendo atingido os 17,5 mil milhões de euros.

Para além de a balança comercial ser deficitária no 2.º trimestre de 2017 e do seu agravamento em relação ao trimestre anterior (crescimento de 37,0%), a diferença entre exportações e importações aumentou em comparação com o período homólogo, sendo registado um acréscimo de 38,2% neste indicador.

Evolução do comércio internacional português de mercadorias: exportações, importações e taxa de cobertura



Fonte: INE

A indústria têxtil e de vestuário, vista no seu conjunto, é um dos setores industriais em que Portugal apresenta claras vantagens comparativas reveladas e um bom posicionamento competitivo internacional, o que se deve muito ao contributo do saldo comercial dos produtos de vestuário.

No cômputo geral das exportações portuguesas de mercadorias, no 2.º trimestre de 2017, as

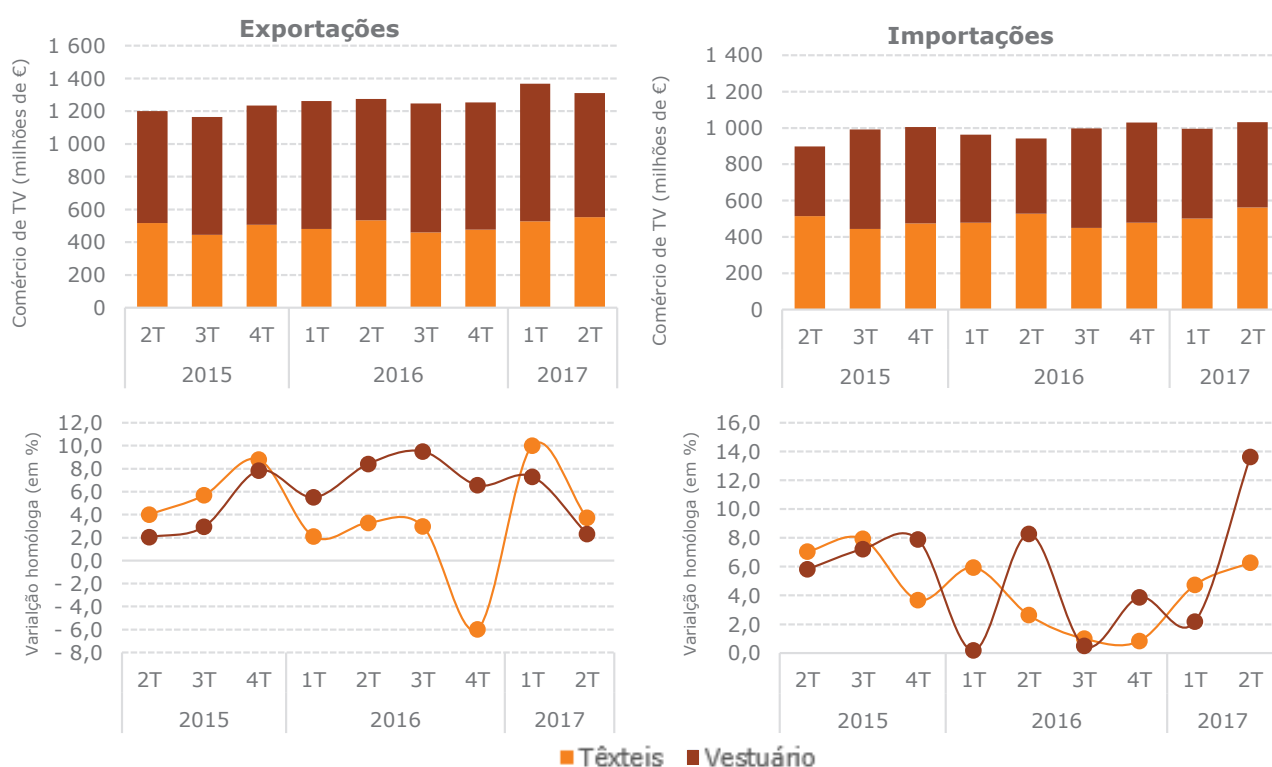
exportações de produtos de têxtil e vestuário responderam por 9,5% do total, com destaque para o vestuário, com uma quota de 5,5%.

Face ao período homólogo, o valor das exportações de têxteis e vestuário registou uma subida de 2,9% no 2.º trimestre de 2017. Este resultado deve-se ao aumento das vendas de têxteis (crescimento de 3,7%) e de vestuário (crescimento de 2,3%).

Por seu lado e para o mesmo período de análise, as importações de têxteis e vestuário registaram uma variação homóloga positiva de 9,5%, consequência das subidas registadas

tanto nas importações de têxteis (crescimento de 6,3%), como nas importações de vestuário (crescimento de 13,6%).

Dinâmica e posicionamento das exportações e importações portuguesas de têxtil e vestuário



Fonte: INE

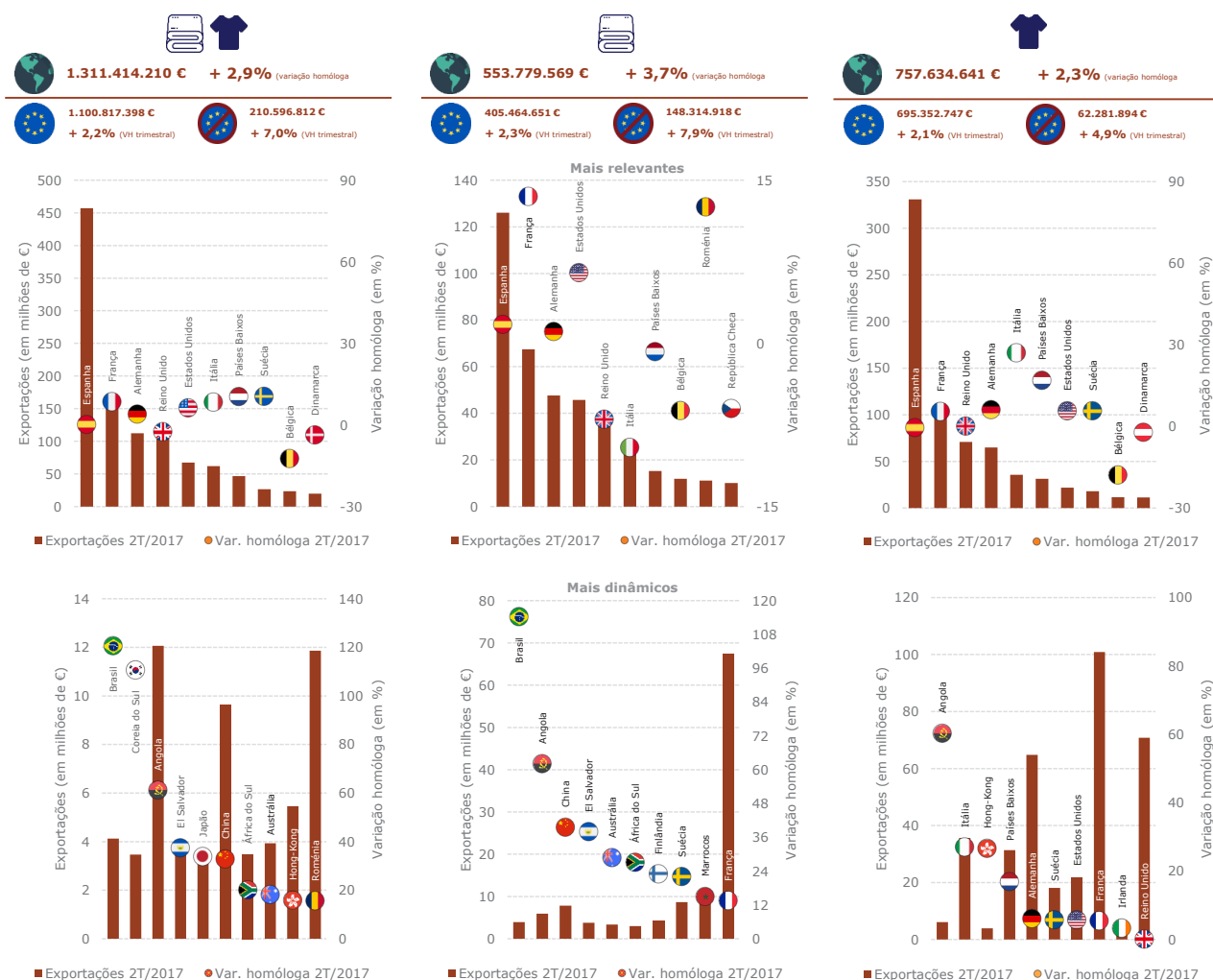
Os principais mercados de exportação de produtos de têxtil e vestuário portugueses seguem o padrão geográfico das exportações do total de mercadorias, isto é, uma forte orientação para o comércio intracomunitário (84% do total no 2.º trimestre de 2017). Espanha, França, Alemanha e Reino Unido, ocupam os lugares cimeiros da classificação de destinos de produtos de têxtil e vestuário portugueses no 2.º trimestre de 2017, cenário que se manteve praticamente em linha com o período homólogo.

Quando analisamos separadamente os dois agregados de produtos, constata-se que os dois

principais mercados (Espanha e França) integram o grupo de destino líder tanto das exportações de produtos têxteis (quota de mercado de 35%) como dos artigos de vestuário (quota de cerca de 57%).

Por outro lado, Brasil, Coreia do Sul, Angola e El Salvador, são os países com maior crescimento entre os destinos das exportações portuguesas de têxteis e vestuário. No entanto, enquanto as dinâmicas do Brasil e de Angola se revestem de importância nas exportações de têxteis, nas dinâmicas das exportações de vestuário o destaque vai para Angola e Itália.

Principais mercados de destino das exportações portuguesas dos produtos de têxtil e vestuário



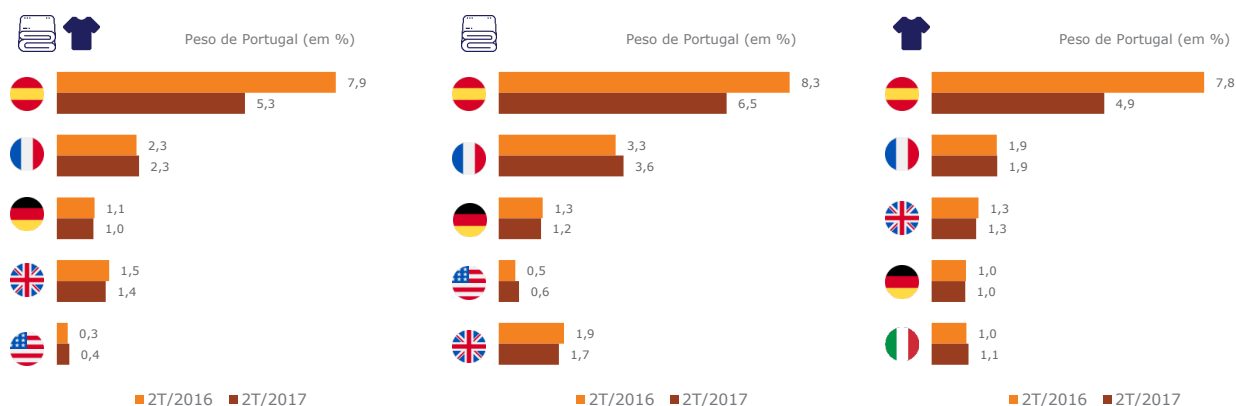
Nota: valores em milhares de €, na análise dinâmica é considerado o limite mínimo de 3M€.

Fonte: INE

Segundo os dados disponíveis para o 2.º trimestre de 2017, a Espanha é o país no qual Portugal apresenta uma quota mais significativa (5,3%), apesar da acentuada quebra de representatividade em relação ao período homólogo de 2016, em que a quota portuguesa posicionava-se próximo dos 8,0%. O posicionamento português no mercado espanhol é mais forte quando consideradas apenas as exportações de produtos têxteis (6,5%), com a quota portuguesa a assumir uma proporção de 4,9% quando considerados os produtos de vestuário.

Na realidade, a Espanha é o único mercado onde Portugal deteve uma posição dominante no 2.º trimestre de 2017, cingindo-se a posicionamentos menos relevantes nos restantes mercados analisados, apenas assumindo uma quota de mercado de 3,6% das importações de produtos têxteis por parte da França, sendo, contudo, de realçar neste caso o ganho de representatividade quando comparado com igual período de 2016.

Posicionamento e evolução de Portugal nos 5 mercados mais relevantes



Fonte: Eurostat e OTEXA

Tal como se verificou nas exportações, também as importações portuguesas de produtos de têxtil e vestuário têm como principal origem o mercado intracomunitário (75% do total no 2.º trimestre de 2017). Espanha, Itália, Alemanha e França, lideram a classificação, sendo de destacar as subidas registadas nas importações provenientes destes mercados. De salientar também a subida no valor das importações provenientes da Índia (crescimento de 29,1%) e da China (crescimento de 16,1%). Por outro lado, entre as principais origens, o Paquistão foi o país que apresentou o maior crescimento homólogo nas importações portuguesas de têxteis e vestuário.

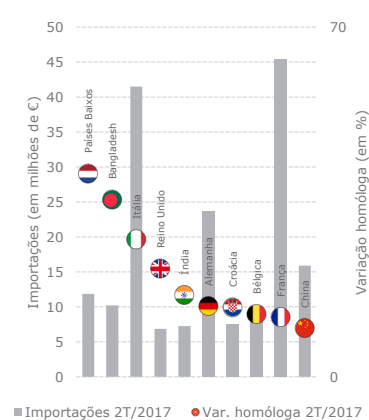
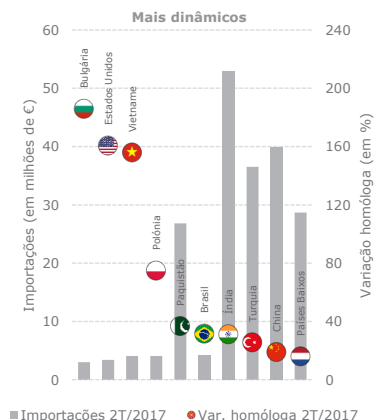
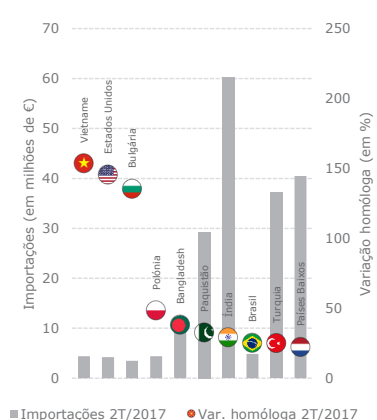
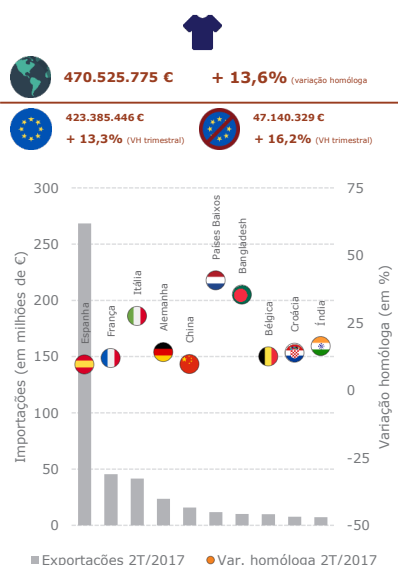
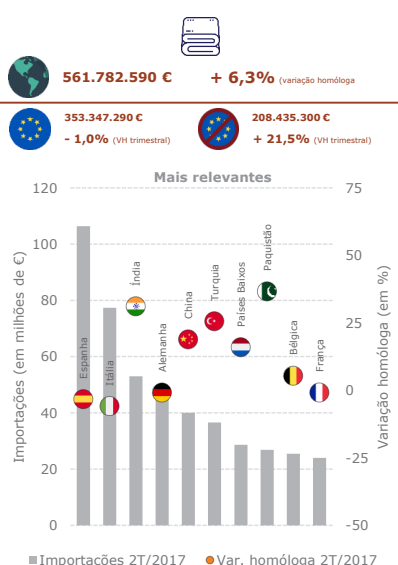
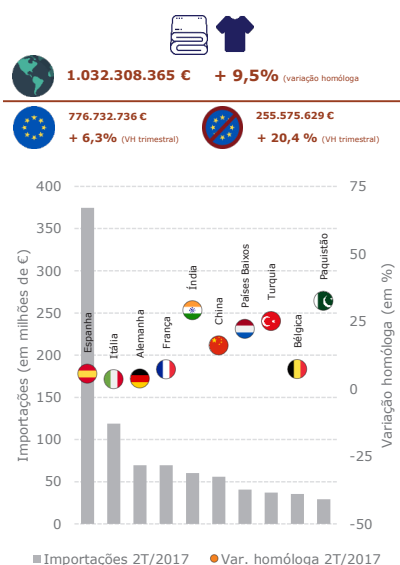
As dinâmicas da Índia e do Paquistão destacam-se claramente nas importações de produtos têxteis, com variações de 31,0% e 36,6%, respetivamente. Em contrapartida, os Países

Baixos e o Bangladesh merecem destaque nas importações de vestuário, com crescimentos homólogos de 40,6% e 35,4%, respetivamente.

Importa ainda realçar, no âmbito das importações de vestuário, as subidas homólogas verificadas nas importações provenientes da Espanha (crescimento de 9,5%), da França (crescimento de 11,9%) e da Itália (crescimento de 27,5%).

Em termos dinâmicos e considerando as origens de importação com um mínimo de 3 milhões de euros, o destaque no conjunto dos têxteis e vestuário vai para o Vietname, os Estados Unidos e a Bulgária, com crescimentos bastante acima dos 100%. No caso dos produtos têxteis o destaque é assumido pela Bulgária, os Estados Unidos e o Vietname, enquanto do lado dos produtos de vestuário salientam-se as dinâmicas dos Países Baixos, do Bangladesh e da Itália.

Principais mercados de origem das importações portuguesas de produtos de têxtil e vestuário



Nota: valores em milhões de euros (M€); na análise dinâmica é considerado o limite mínimo de 3M€.

Fonte: INE

4.3. Estrutura do comércio internacional

Dada a especialização produtiva de Portugal, não é de estranhar que os grupos de produtos ligados ao vestuário sejam os que assumem os lugares cimeiros nas exportações de têxteis e vestuário. Para além do destaque assumido no 2.º trimestre de 2017 pelas exportações de vestuário de malha, salientam-se em termos dinâmicos as exportações de “fibras, fios e tecidos de outras fibras vegetais”, “tecidos impregnados e revestidos”, “fibras, fios e tecidos de lã” e “tecidos de malha”, todos com

crescimentos de exportações na ordem dos dois dígitos.

Ao nível das importações, o vestuário (principal produto) cresceu em termos agregados no 2.º trimestre de 2017 e, na comparação com o período homólogo, o destaque vai para as “fibras, fios e tecidos de algodão” (crescimento de 16%) e para os “tecidos impregnados e revestidos” (crescimento de 10%).

Estrutura das exportações portuguesas de têxtil e vestuário por grupo de produtos

61. Vestuário e seus acessórios de malha 524 419 565 € VH: ↑ 3% VHa: ↑ 5%	62. Vestuário e seus acessórios, excluindo malhas 233 215 076 € VH: ↑ 1% VHa: ↑ 4%
63. Outros artefactos têxteis confeccionados 158 466 638 € VH: ↓ 1% VHa: ↑ 3%	56. Pastas, feltros e cordoaria 76 485 406 € VH: ↑ 4% VHa: ↑ 7%
55. Fibras sintéticas ou artificiais, desc. 68 685 167 € VH: ↑ 8% VHa: ↑ 11%	59. Tecidos impregnados e revestidos 68 168 573 € VH: ↑ 13% VHa: ↑ 15%
52. Algodão (fibras, fios e tecidos) 50 419 939 € VH: ↑ 6% VHa: ↑ 9%	60. Tecidos de malha 40 771 104 € VH: ↑ 6% VHa: ↑ 11%
58. Tecidos especiais e tufados 27 990 031 € VH: ↓ 5% VHa: ↓ 4%	57. Tapetes e outros revestimentos 21 237 589 € VH: ↑ 3% VHa: ↓ 1%
51. Lã (fibras, fios e tecidos) 20 767 617 € VH: ↑ 7% VHa: ↑ 13%	54. Filamentos sintéticos ou artificiais 19 932 808 € VH: ↑ 1% VHa: ↑ 3%
53. Outras fibras vegetais (fibras, fios e tecidos) 763 487 € VH: ↓ 24% VHa: ↑ 15%	50. Seda (fios e tecidos) 91 210 € VH: ↑ 6% VHa: ↓ 8%

Estrutura das importações portuguesas de têxtil e vestuário por grupo de produtos

62. Vestuário e seus acessórios, excluindo malhas 250 145 528 € VH: ↑ 16% VHa: ↑ 8%	61. Vestuário e seus acessórios de malha 220 380 247 € VH: ↑ 11% VHa: ↑ 7%
52. Algodão (fibras, fios e tecidos) 170 682 084 € VH: ↑ 20% VHa: ↑ 16%	54. Filamentos sintéticos ou artificiais 93 532 432 € VH: ↑ 3% VHa: ↑ 1%
55. Fibras sintéticas ou artificiais, desc. 78 359 880 € VH: ↑ 1% VHa: ↑ 1%	63. Outros artefactos têxteis confeccionados 41 562 236 € VH: ↑ 8% VHa: ↑ 8%
59. Tecidos impregnados e revestidos 38 448 268 € VH: ↑ 8% VHa: ↑ 10%	51. Lã (fibras, fios e tecidos) 35 438 776 € VH: ↓ 3% VHa: ↓ 2%
60. Tecidos de malha 31 290 619 € VH: ↓ 11% VHa: ↓ 3%	56. Pastas, feltros e cordoaria 24 989 564 € VH: ↑ 6% VHa: ↑ 8%
57. Tapetes e outros revestimentos 18 077 574 € VH: ↑ 9% VHa: ↑ 8%	58. Tecidos especiais e tufados 15 095 754 € VH: ↑ 4% VHa: ↓ 3%
53. Outras fibras vegetais (fibras, fios e tecidos) 11 869 946 € VH: ↓ 12% VHa: ↓ 19%	50. Seda (fios e tecidos) 2 435 457 € VH: ↓ 30% VHa: ↓ 38%

Nota: VH - variação homóloga, VHa - variação homóloga acumulada.

Fonte: INE

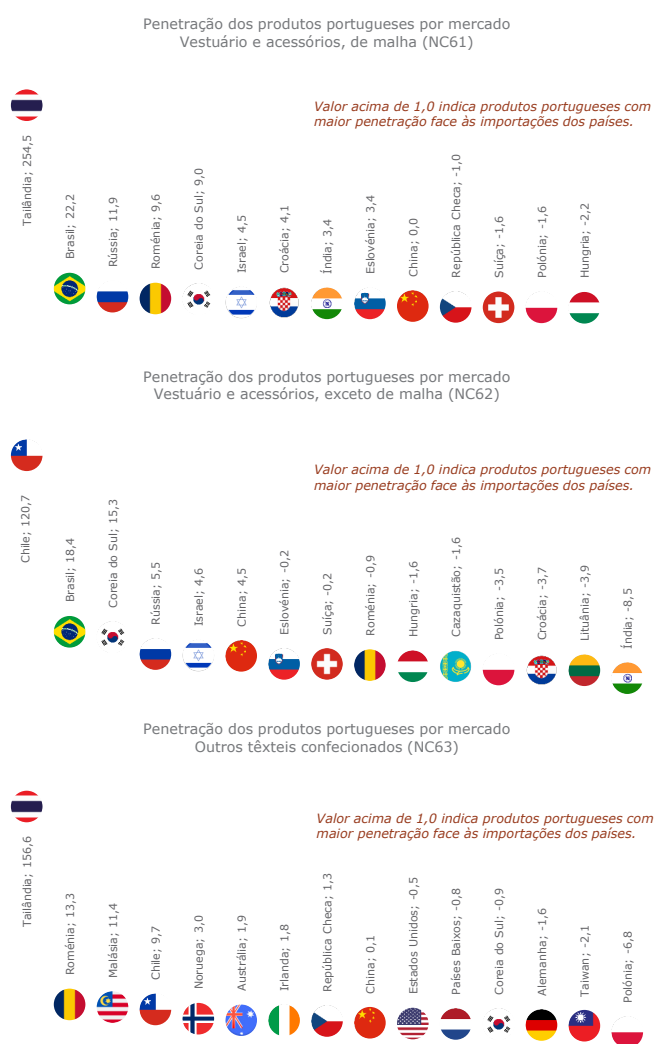
No que se refere aos produtos de vestuário e seus acessórios de malha (NC61), no 2.º trimestre de 2017 comparativamente ao mesmo período do ano anterior, Portugal conseguiu uma forte penetração em mercados em franca expansão, como: Tailândia, Brasil, Rússia, Roménia e Coreia do Sul, sendo de salientar a perda de relevância na Suíça.

Relativamente aos produtos de vestuário e seus acessórios em tecido (NC62), o Chile, o Brasil, a Coreia do Sul e a Rússia, foram mercados que, simultaneamente, registaram fortes crescimentos e que se revelaram de grande interesse para as

empresas portuguesas. De referir, no entanto, a pior dinâmica portuguesa no caso das exportações destinadas à Suíça.

Nos outros têxteis confeccionados (NC63) o destaque vai para o desempenho das exportações destinadas a: Tailândia, Roménia, Malásia e Chile. De referir, no entanto, que dentro desta categoria de produtos (a qual inclui os produtos de têxtil-lar), foi verificado um desempenho das exportações portuguesas que ficou aquém do crescimento de mercado no caso dos Estados Unidos, dos Países Baixos e da Alemanha.

Grau de alinhamento entre a dinâmica das exportações portuguesas de vestuário e a dinâmica das importações mundiais



Nota: no âmbito desta análise é considerado o limite mínimo de 50M€ no valor das importações.

Fonte: análise desenvolvida com base em dados do INE e do ITC

A informação contida nesta publicação foi obtida de fontes consideradas fiáveis, mas a sua precisão não pode ser totalmente garantida. O CENIT não se responsabiliza por qualquer perda, direta ou potencial, resultante da utilização desta publicação ou dos seus conteúdos. A reprodução de parte ou da totalidade desta publicação é permitida, sujeita a indicação da fonte.

CENIT – Centro de Inteligência Têxtil

E-mail: estudos@portugaltextil.com

Web: www.portugaltextil.com

cenit.

www.portugaltexil.com
cenit@portugaltexil.com